

Setor precisa de mercado de capitais desenvolvido

De São Paulo

Os fundos de “private equity” e “venture capital” que aplicaram em empresas brasileiras ainda não enfrentaram a hora da verdade: o momento de vender as companhias, embolsar os lucros ou apurar os prejuízos.

Esse tipo de investimento é novo no Brasil; começou a tomar fôlego no fim da década passada. Como o prazo de maturação dos

fundos é longo — de sete a dez anos, em média — muitos ainda estão começando a investir e outros avaliando as escolhas feitas.

Existem três formas de sair do investimento: a venda para outra empresa, o lançamento de ações na bolsa e a recompra por parte do principal sócio. Mas no Brasil a porta de saída é mais estreita: na prática, a segunda alternativa (lançar ações) tem sido inviável, por conta das altas taxas de juros.

É por isso que o potencial desses fundos está ligado à pujança do mercado. “É pelo mercado de capitais que o investidor maximiza o seu ganho”, diz Robert Binder, diretor da Associação Brasileira de Capital de Risco.

Profissionais da área depositam esperanças no desenvolvimento do Novo Mercado da Bovespa, que pretende reunir empresas com boa governança corporativa e relacionamento

transparente com os acionistas. Ainda não há nenhuma ação listada no Novo Mercado.

“O ‘private equity’ e o ‘venture capital’ no Brasil só irá virar uma indústria quando completar um ciclo e as histórias de sucesso atraírem mais investidores e empresários”, diz um profissional. E esse ciclo começa com a captação de recursos, segue com o investimento e termina com a venda da participação. (L.D.C.)